

**FÉ, RAZÃO E ESCOLHA:  
AMANDO A DEUS DE TODO NOSSO PENSAMENTO**

Humberto M. Rasi, Ph.D.

*Diretor do Departamento de Educação da Associação Geral*

“Senhor, ajuda-me a nunca usar a minha razão contra a Verdade”.

*Oração de um judeu*

Através dos séculos, a relação correta entre fé e razão na vida do crente tem sido um tópico de profundo interesse para cristãos ponderados. Durante os primeiros quatorze séculos de nossa era esta questão não era controvertida porque crenças e instituições religiosas gozavam de uma posição privilegiada no mundo ocidental. Aceitação da Igreja Cristã, seus dogmas e tradições era assumida na cultura geral.

O primeiro desafio a esta hegemonia não discutida ocorreu durante a Reforma Protestante do século 16. Martinho Lutero e outros procuraram restaurar a Bíblia à posição de autoridade na fé e prática cristãs ao mesmo tempo que enfatizavam a relação direta e pessoal que deve existir entre o crente e Deus, em vez de através da Igreja estabelecida.

Durante o século 18 o Iluminismo europeu começou a examinar criticamente o papel das instituições tradicionais e crenças aceitas, desafiando os dogmas cristãos e a autoridade de Igreja. Pouco a pouco, a razão humana divorciada da fé em Deus começou a ganhar terreno no círculos intelectuais. Hoje, muitas pessoas ilustradas assumem o valor supremo da razão e questionam a validade da fé religiosa, denominando-a ignorância, credulidade ou mesmo superstição.

Uma longa série de pensadores e artistas notáveis abraçou o racionalismo humanista e, em séculos recentes, rejeitou as tese básicas do cristianismo bíblico a favor do positivismo, empiricismo, materialismo, naturalismo e opiniões semelhantes. A galeria inclui figuras bem conhecidas tais como Voltaire, Hume, Rousseau, Jefferson, Goethe, Marx, Nietzsche, Shaw, Freud, Russell, Skinner, Sartre e Camus.

Não seria difícil, contudo, criar uma galeria ainda mais longa de intelectuais, descobridores e artistas brilhantes que eram crentes cristãos. Mesmo se deixamos de lado gigantes da mente e do espírito tais como Paulo, Agostinho, Aquinas, Lutero e Calvino, incluiríamos na lista nomes tais como Dante, Copérnico, Galileo, Kepler, Milton, Pascal, Berkeley, Newton, Bach, Mozart, John Wesley, Dostoyevsky, Pasteur, Pasternak e Solzenitsyn.

Cristãos que fazem estudos superiores ou praticam uma profissão são confrontados constantemente com o dilema de como integrar a fé e a razão em sua vida diária. Esta

tensão é ampliada pelo fato que hoje, em muitos círculos acadêmicos e profissionais, é assumido que pessoas inteligentes não são religiosas ou, se são, elas manterão ocultas tais crenças. Em alguns casos as convicções religiosas são intencionalmente proscritas como se não tivessem direito a estarem presentes no convívio público e acadêmico.

Neste artigo vamos esboçar as várias relações que a fé e a razão podem ter na vida de pessoas cultas. Vamos re-examinar juntos passagens bíblicas sobre o assunto e propor modos de como cristãos ponderados podem satisfazer sua paixão de crer e cultivar uma fé arraçoada.

### Premissas e definições

Eu aceito a Bíblia como a Palavra de Deus inspirada e com autoridade. Segundo as Escrituras, Deus criou Adão e Eva no começo da história humana e os dotou de racionalidade, com “o poder de pensar e fazer”. [1] No exercício destas habilidades, nossos primeiros pais desobedeceram a Deus e, como resultado, perderam seu estatus e seu lar perfeitos. Embora tenhamos herdado as fraquezas inerentes de sua condição caída, Deus preservou nossa capacidade de pensar por nós mesmos, exercer confiança e fazer escolhas. Com efeito, um dos alvos da educação adventista é “treinar os jovens a serem pensadores, e não só meros refletores dos pensamentos de outros”. [2]

Para maior clareza precisamos definir alguns termos:

**Fé**, de uma perspectiva cristã, é um ato da vontade que escolhe colocar sua confiança em Deus em resposta a Sua auto-revelação e as sugestões de Espírito Santo em nossa consciência. [3] A Bíblia chama isto “crer em”, como em “crer em Jesus Cristo. Crer na segunda vinda. Crer em Deus”. Fé religiosa é mais forte do que crença--inclui a disposição de viver e mesmo morrer por suas convicções.

**Razão** é o exercício da capacidade mental para pensamento racional, compreensão, discernimento e aceitação de um conceito ou idéia. A Bíblia denomina isto “crer que”, como em “crença que Cristo ressuscitou dentre os mortos. Crer que somos salvos pela graça mediante a fé”. A razão procura clareza, consistência, coerência e evidência adequada.

**Crença** é um ato mental de aceitar como verdadeira ou real uma afirmação ou uma pessoa. Naturalmente, também é possível crer em algo que não é verdadeiro.

**Vontade** é a habilidade e poder de escolher uma crença particular ou um curso de ação de preferência a outros. **Escolha** é o exercício livre de tal habilidade.

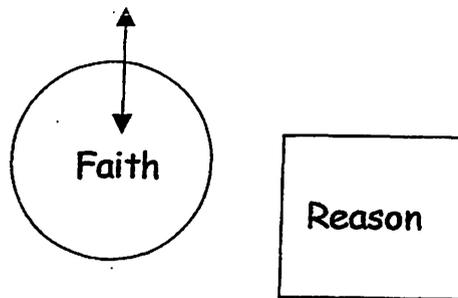
Razão e fé se relacionam assimetricamente na vida cristã. É possível crer que Cristo é o Salvador (razão) sem crer em Cristo (fé). [4] Mas é impossível crer em Cristo (fé) sem crer que Cristo é o Salvador (razão).

Eu aceito a primazia da fé na vida intelectual do cristão, como expressa em duas formulações clássicas: *Fides quaerens intellectum* (“fé à procura de compreensão”) e *Credo ut intelligam* (“creio a fim de poder compreender”). A razão é importante para a fé, mas ela não pode substituir a fé. Para o cristão, adquirir conhecimento não é o objetivo último da vida. O alvo mais elevado da vida é conhecer a Deus e estabelecer um relacionamento pessoal e amante com Ele. Tal confiança e amizade levam à obediência a Deus e a um serviço desprendido ao próximo.

### Relação entre fé e razão

Como crentes têm se relacionado a questões de fé e razão no passado? Como deviamos nós? Durante a era cristã, os indivíduos assumiram várias abordagens que podem ser esboçadas como segue:[5]

1. **Fideísmo:** *A fé ignora ou minimiza o papel da razão na procura da verdade final.*



Segundo esta posição, fé em Deus é o critério último da verdade e de tudo que o cristão precisa para certeza e salvação. Fideístas afirmam que Deus Se revela à consciência humana através das Escrituras, do Espírito Santo e da experiência pessoal, as quais bastam para conhecer todas as verdades importantes. Um dito popular contemporâneo resume este ponto de vista: “Deus o disse. Eu creio. Ponto final”.

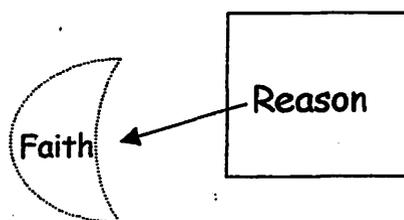
O fideísmo radical, não racional foi articulado pela primeira vez por Tertuliano (160?-230?), um apologista cristão primitivo conhecido por sua atitude crítica em face da cultura em voga. Foi o argumentativo Tertuliano que declarou, *Credo quia absurdum* (“creio porque é absurdo”). Em séculos posteriores outros autores cristãos exaltaram o valor supremo de uma fé cega em oposição direta à razão humana. Estes incluem o erudito medieval William de Ockham (cedo no século 14), o filósofo francês Pierre Bayle (1647-1706), e o escritor dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855). Levado a um extremo, o fideísmo rejeita o pensamento racional, opõe-se a estudos avançados e pesquisas científica, e pode levar a uma religião privada e mística. Nos tempos modernos

esta atitude tem refletido a frustração do crente com a incapacidade humana de achar soluções racionais a lutas pessoais e males sociais.

Fideistas moderados afirmam que ao menos algumas verdades (tais como a existência de Deus e princípios morais) podem ser descobertas pela razão humana, as quais são subseqüentemente confirmadas pela revelação e fé. A razão, então, pode parcialmente compreender verdades religiosas depois de serem reveladas. Além disto, há uma base racional para a aceitação de verdades da fé que a mente humana não pode independentemente descobrir ou compreender plenamente. Tal posição foi articulada pelo escritor francês Blaise Pascal (1623-1662). Nesta postura, a fé predomina mas a razão não é ignorada.

Críticos do fideísmo, especialmente os da expressão mais radical, observam que a fé em Deus e em Jesus Cristo pressupõe que haja um Deus que Se revelou à humanidade em Cristo. E a menos que essas pressuposições possam ser demonstradas como razoáveis, ou ao menos não contrárias à razão, não são mais apropriadas para serem cridas do que crer num absurdo. Semelhantemente, crer em Deus parece exigir que se creia que Deus é capaz e disposto a salvar aqueles que põem sua confiança nEle. E seria uma contradição manter tanto esta crença como admitir que a razão não possa aceitá-la. Ademais, cristãos que recebem a Bíblia como uma revelação fidedigna de Deus precisam, necessariamente, exercer seus faculdades racionais para compreender e aceitar as proposições e exortações contidas nas Escrituras. Se a Bíblia é verdadeiramente uma expressão formal da vontade de Deus bem como a base da fé e prática para o cristão, a razão humana não pode ser negligenciada.

**2. Racionalismo:** *A razão humana desafia, subverte e eventualmente destrói a fé religiosa.*



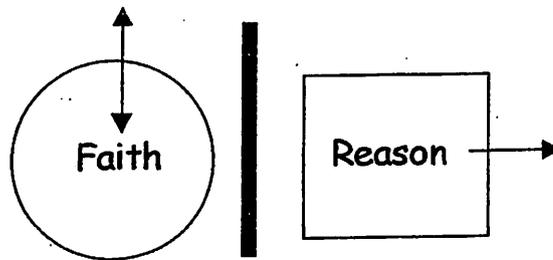
Os racionalistas mantêm que a razão humana constitui a fonte primária de conhecimento e verdade, e portanto provê a base para a crença.[6] O racionalismo moderno rejeita a autoridade religiosa e a revelação espiritual como fontes de informação confiáveis.

Começando com o reavivamento humanista da Renascença Européia (séculos 14-16), que exaltava a criatividade e potencial humanos, o racionalismo floresceu durante o Iluminismo (século 18), com sua crítica sistemática de doutrinas aceitas e de instituições. Eventualmente transformou-se no cepticismo moderno que questiona, duvida ou discorda das conclusões e crenças geralmente aceitas, e no ateísmo, que nega a existência de Deus. Friedrich Nietzsche, Karl Marx, e Sigmund Freud são representantes desta posição.

Em sua oposição à fé, o racionalismo argumenta que as religiões tendem a apoiar crenças tradicionais frequentemente irracionais e a frustrar a auto-realização dos seres humanos, tanto individualmente como coletivamente. Os racionalistas também argumentam que não há necessidade lógica de uma Causa Primária no universo, e que a realidade do mal no mundo é incompatível com a existência de um Deus poderoso, amante e sábio como concebido tradicionalmente pelos cristãos.

Desde o começo do século 19, a maioria das instituições de ensino superior têm oferecido uma educação baseada numa cosmovisão secular que rejeita *a priori* a realidade transcendente e confia exclusivamente em observações e interpretações humanas em sua busca de conhecimento e verdade. Isto tem resultado na corrosão e perda eventual da fé de muitos cristãos que fizeram estudos em faculdades e universidades públicas.

**3. Dualismo:** *Fé e razão operam em esferas diferentes, não confirmando nem contradizendo uma a outra.*



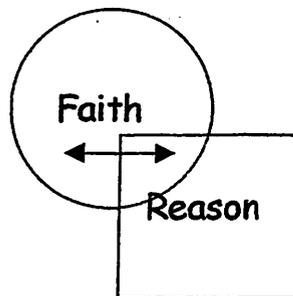
Esta posição tem sido defendida tanto por pensadores cristãos como agnósticos. O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) disse que ele estava destruindo as pretensões do conhecimento humano a fim de abrir espaço para a fé. Ele pretendia ter demonstrado que todas as tentativas de provar a existência de Deus na base de argumentos racionais estavam fadadas ao fracasso. O teólogo suíço Karl Barth (1886-1968) também rejeitou argumentos racionais ou morais que tentavam apoiar o teísmo ou

o cristianismo porque, em sua opinião esses argumentos pressupunham sua verdade. Para ele, Deus é magnificamente revelado em Jesus Cristo--seres humanos precisam submeter-se a esta revelação somente pela fé, ou rejeitá-la pecaminosamente. A crença não pode argumentar com a discrença, como se fossem premissas relevantes aceitas por ambas; só podem pregá-la.

Muitos cientistas contemporâneos, alguns deles cristãos, assumem uma posição mais radical. Eles mantêm que a ciência trata de “fatos” como objetivos, ao passo que a religião lida com questões morais de uma perspectiva pessoal e subjetiva. Portanto, as esferas de validade da razão e da fé, de conhecimento e valores não se relacionam.[7]

Cristãos que crêm na Bíblia não estão dispostos a aceitar esta posição. Eles argumentam, por exemplo, que Jesus Cristo como retratado nos Evangelhos é não somente o centro de sua fé como Deus encarnado, mas também como uma pessoa real que viveu nesta terra a um tempo particular na história humana. Eles contendem que os acontecimentos narrados nas Escrituras e os caracteres eram também reais e parte de um contínuo histórico, como evidenciado por um volume crescente de evidências documentárias e arqueológicas. Qualquer tentativa de separar as esferas da razão e da fé relega a religião cristã ao domínio de sentimentos pessoais, subjetividade individual, e por fim ao nível de mito fantasista e irrelevante. Tanto cristãos como não-cristãos se apegam a crenças diversas e freqüentemente contraditórias. Se essas não podem ser diferenciadas quanto à sua veracidade ou falsidade pelo uso de evidência e argumento razoáveis, então nenhuma crença seja religiosa ou filosófica pode reclamar confiabilidade ou aliança.

**4. Sinergismo:** *Fé e razão podem colaborar e fortalecer uma a outra na procura e devoção à verdade.*



Proponentes desta posição mantêm que o cristianismo constitui um sistema de crença e prática integrado e internamente consistente que merece tanto aceitação pela fé como assentimento racional.

Os domínios da fé e da razão se sobrepõem. Verdades baseadas somente na fé são aquelas que Deus revelou mas que a razão humana não pode descobrir por si só (por exemplo, a Trindade ou a expiação efetuada por Cristo). Verdades que podem ser descobertas pela fé e pela razão são reveladas por Deus mas também podem ser descobertas e compreendidas pela razão humana (por exemplo, a existência de Deus ou a lei moral objetiva). Verdades afirmadas pela razão e não pela fé são as verdades não diretamente reveladas por Deus, mas descobertas pela razão humana (por exemplo, as leis da física ou as fórmulas da matemática).[8]

C. S. Lewis, um famoso apologista cristão, argumentava que a fim de serem verdadeiramente morais os seres humanos precisam crer que os princípios morais básicos não são dependentes de convenções humanas. Estes conceitos possuem uma realidade transcendente que os torna reconhecíveis por todos os seres humanos.[9] Lewis mantinha que a existência de tais princípios pressupõe a existência de um Ser com autoridade para promulgá-los.

Se o mundo real pode ser compreendido pela razão humana como resultado de investigação e experiência, é então um mundo inteligível. O fato deste mundo poder ser compreendido pelo método científico tanto nos níveis da célula como das galáxias permite aos seres humanos descobrir as leis que dão evidência de desígnio inteligente da espécie mais intrincada. Esse desígnio extremamente elaborado de todas as facetas do universo, o qual torna possível vida inteligente neste planeta, anuncia um Planejador.

Portanto, a experiência religiosa e a consciência moral podem ser vistas como sinais da existência do mesmo Ser que a pesquisa científica considera como Planejador inteligente do cosmos e o Sustentador da vida.[10]

A razão pode nos ajudar a passar da compreensão para a aceitação e, idealmente, para crença. A fé, contudo, é uma escolha da vontade que vai além da razão. Raciocínio cuidadoso, sob a direção de Espírito Santo, pode remover obstáculos do caminho à fé; e a fé uma vez presente, a razão pode fortalecer o compromisso religioso.[11]

### **Fé e razão na perspectiva bíblica**

A cosmovisão hebraica, como se reflete no Velho Testamento, concebia a vida humana como uma unidade integrada que inclui crença e comportamento, confiança e pensamento. Durante a maior parte de sua existência, o povo de Israel aceitava como fato óbvio a realidade de Deus, cujas revelações eram documentadas em suas escrituras e cujas intervenções sobrenaturais eram evidentes em sua história. Para eles, a inimiga da crença no Deus verdadeiro não era a descrença mas a adoração de divindades pagãs, meros produtos da imaginação humana transviada. Seu objetivo não era conhecimento

teórico mas sabedoria--o dom do raciocínio correto que leva a uma escolha correta e um viver correto. “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é entendimento” (Prov. 9:10).

O Novo Testamento reflete a transição para um contexto cultural diferente, no qual o monoteísmo hebraico já se tinha fragmentado em várias seitas judaicas, e tinha também sido influenciado pelo politeísmo greco-romano, culto do imperador e agnosticismo. Ao interagir a Igreja Cristã primitiva com este ambiente religio-filosófico, ela começou a articular a distinção e a relação entre fé e razão, concedendo à fé a posição privilegiada na vida do crente.

O ensino bíblico com respeito à fé e à religião--particularmente no Novo Testamento--pode ser resumido nas proposições seguintes:

**\* O Espírito Santo tanto desperta a fé como ilumina a razão**

Não fosse a influência persistente do Espírito Santo sobre a consciência humana, ninguém jamais se tornaria cristão. Em nossa condição natural não buscamos a Deus (Romanos 3:10, 11), não reconhecemos nossa necessidade desesperada de Sua graça (João 16:7-11), nem compreendemos realidades espirituais (I Coríntios 2:14). Somente pela agência do Espírito Santo é que somos persuadidos a aceitar, crer e confiar em Deus (João 6:44). Uma vez que esta transformação miraculosa ocorreu (Romanos 12:1, 2), o Espírito Santo nos ensina (João 14:26), guia-nos “em toda a verdade”(João 16:3), e nos permite discernir a verdade do erro (I João 4: 1-3).

**\* A fé precisa ser exercida e desenvolvida a vida toda**

Todo ser humano recebeu “uma medida de fé”(Romanos 12:4)--isto é, a capacidade de confiar em Deus--e todo cristão é encorajado a crescer “mais e mais”na fé (II Tessalonicenses 1:3). Com efeito, “sem fé, é impossível agradar-lhe; porque é necessário, que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que o buscam”(Hebreus 11:6). Daí o pedido de um pai angustiado a Jesus, “Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade”(Marcos 9:24) e o pedido insistente dos discípulos, “Acréscenta-nos a fé”(Lucas 17:5).

**\* Deus valoriza e apela à razão humana**

Embora os pensamentos de Deus sejam infinitamente mais elevados que os nossos (Isaias 55:8, 9), Ele resolveu comunicar-Se de modo inteligível com a raça humana, revelando-Se através das Escrituras (II Pedro 1:20-21), através de Jesus Cristo que Se chamou “a verdade” (João 14:6; Hebreus 11:1, 2), e através da natureza (Salmos 19:1). Deus deseja arrazoar conosco (Isaias 1:18). Jesus freqüentemente engajava Seus ouvintes

em diálogo e reflexão, esperando por uma resposta ponderada (ver, por exemplo, Nicodemos, João 3; a mulher samaritana, João 4). Ao pedido do oficial etíope, Felipe explicou uma profecia messiânica achada na Escritura de modo que ele pudesse compreender e crer (Atos 8:30-35). Os crentes em Beréia foram louvados porque examinavam as Escrituras para ver “se estas coisas eram assim” (Atos 17:11). O alvo supremo da vida é conhecer a Deus e aceitar a Cristo como Salvador; tal conhecimento pessoal leva à vida eterna (João 17:3).

**\* Deus provê suficiente evidência para crer e nEle confiar**

O observador sem preconceito pode perceber no universo natural uma demonstração do poder criativo e sustentador de Deus (Isaias 40:26). Suas “coisas invisíveis...tanto o Seu eterno poder, como a Sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas, que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis” (Romanos 1:20). Contudo, quando Tomé expressou dúvidas sobre a realidade da ressurreição de Cristo, Jesus proveu a evidência física e apelou para que ele deixasse de duvidar e crescesse (João 20:27-29). Quando somos confrontados com perguntas a respeito da origem do universo, nosso ponto de partida devia ser fé baseada na revelação divina: “Pela fé entendemos que os mundos, pela Palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê, não foi feito do que é aparente”(Hebreus 11:3).[12]

**\* Deus oferece diretrizes claras para a vida, mas respeita as escolhas que fazemos**

No Jardim do Eden, Deus ofereceu a Adão e Eva a opção de obedecer-Lhe ou não, mas advertiu-os das conseqüências tristes de escolher a desobediência (Gênesis 2:16, 17). Falando através de Moisés, Deus reiterou as opções: “Hoje te tenho proposto a vida e o bem, e a morte e o mal... escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua semente” (Deuteronômio 30:15, 19). Seus apelos à consciência humana são maravilhosamente delicados: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei e ele comigo”(Apocalipse 3:20). Sobre tudo, Deus espera de Suas criaturas amor, obediência e culto que são livremente escolhidos e arrazoados (João 4:23, 24; Romanos 12: 1 [*logikén*=razoável e espiritual]).

**\* Fé e razão operam conjuntamente na vida e no testemunho do crente**

Quando pediram a Jesus dar um sumário da lei de Deus, Ele afirmou que o primeiro mandamento incluía, “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus ...de todo o teu entendimento” (Marcos 12:30; comparar com Deuteronômio 6:4, 5). Paulo afirmou que a aceitação de Cristo como Salvador dependia de uma compreensão racional do evangelho: “De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus”(Romanos 10:17).

Espera-se que os cristãos estejam “sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós”(I Pedro 3:15 [resposta=*apologian* no grego, defesa, justificação; razão=*logón* no grego, palavra, explicação]). Pedro também encoraja os cristãos a pôr toda diligência a fim de acrescentar “à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência” (II Pedro 1:5, 6).

### Tratando de questões e dúvidas

Até aqui, temos abordado a questão de fé, razão e escolha de um ponto de vista filosófico e bíblico.

Consideremos agora as implicações práticas daquilo que temos examinado. Como deveriam os cristãos que crêm na Bíblia lidar com a tensão que inevitavelmente surge entre a sua fé e sua razão quando encaram questões divergentes em seu estudo, pesquisa, ou experiência da vida? As seguintes sugestões podem ajudar:[13]

**1. Lembrar que Deus e a verdade são sinônimos.** Deus no criou como seres racionais e inquisitivos. Ele é honrado quando usamos nossas faculdades mentais para explorar, descobrir, aprender e inventar ao inter-agirmos com o mundo que Ele criou e sustem. Sempre que usamos nossa razão e criatividade numa atitude de humildade e gratidão, estamos amando a Deus com nossa mente. Os crentes não deviam recear o estudo, a pesquisa e descobertas. Se há discrepâncias entre “a verdade de Deus” e “a verdade humana”, é porque mal compreendemos uma ou outra. Uma vez que em Cristo “estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”(Colossenses 2:3), toda verdade é verdade de Deus.

**2. Aceite que a Bíblia não diz tudo que há para se conhecer.** A sabedoria de Deus é infinitamente mais ampla e profunda que a nossa. Por esta razão, Ele precisou condescender a fim de estabelecer comunicação conosco, dentro de nossa capacidade de compreender. Como Jesus disse aos discípulos “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora” (João 16:12). Ademais, nossa condição humana falida anuvia e limita nossa compreensão. “Porque, agora, vemos por espelho, em enigma mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido” (I Coríntios 13:12). A Bíblia pode ser estudada como um livro de história ou literatura, ou leis, ou biografia. Mas seu propósito principal é ajudar-nos conhecer a Deus e ensinar-nos como ficar Seus amigos e viver vidas piedosas em preparação para a eternidade. Na Nova Terra teremos o tempo e a oportunidade de explorar e conhecer a vasta complexidade do cosmos e seus habitantes.

**3. Distinga entre a Palavra de Deus e as interpretações humanas.** Tradições humanas e idéias preconcebidas freqüentemente fazem-nos ler coisas na Bíblia que não estão lá. Um exemplo é o caso de Copérnico (1473-1543), que, na base de seu estudo e observações, propôs que os planetas, incluindo a terra, revolviam em volta do sol. Como a maioria dos astrônomos ainda aceitavam a teoria geocêntrica de Ptolomeu, muitos guias religiosos daquele tempo consideraram as ideias de Copérnico heréticas. Criam que por causa da importância dos seres humanos e da centralidade desta terra nos planos de Deus, o sol e os planetas deviam revolver em volta da terra. Quanto Galileu e Kepler forneceram evidência a favor das ideias de Copérnico, a descoberta não destruiu a Bíblia ou o cristianismo. Três séculos mais tarde Charles Darwin argumentou contra muitos teólogos do seu tempo, que criam na fixidez absoluta das espécies, o que não é requerido pela narrativa bíblica. Há poucos anos, alguns cristãos afirmaram que Deus não permitiria que seres humanos viajassem no espaço ou desembarcassem na lua. De novo, essas afirmações se demonstraram erradas, mostrando que eram baseadas em interpretações e extrapolações pessoais.

**4. Reconheça que o trabalho científico é uma exploração contínua de um segmento da realidade.** A ciência experimental lida apenas com fenômenos que podem ser observados, medidos, manipulados, repetidos e falsificados. Contrariamente à impressão que se adquire de muitos compêndios de ciência e da mídia popular, a ciência experimental moderna freqüentemente exige ajustes. Admitimos que muitas leis básicas são aceitas universalmente. Mas ao mesmo tempo que os cientistas continuam suas investigações, eles assumem que teorias e explicações que foram aceitas por anos podem ser substituídas por outras teorias e interpretações que parecem mais corretas e confiáveis.[14] Como questão de método, os cientistas trabalham em suas disciplinas dentro de pressuposições naturalistas, as quais excluem o sobrenatural. Muitos deles são agnósticos ou ateus; mas suas crenças não são baseadas em evidência científica mas em escolha pessoal. Cientistas que admitem a possibilidade que Deus existe, acham no mundo natural evidência abundante de que haja um Planejador inteligente que planejou e sustenta o universo e a vida.

**5. Construa um arquivo mental para questões não resolvidas.** Algumas questões surgiram inevitavelmente em nossos estudos, em nossa experiência da vida, e mesmo na Bíblia para as quais não temos explicações satisfatórias. Em alguns casos, achamos uma explicação mais tarde. Em outros casos as questões permanecem sem solução. Um exemplo clássico é a tensão entre nossa crença num Deus todo-poderoso e amante e o sofrimento dos inocentes. Embora haja evidências abundantes do poder e da

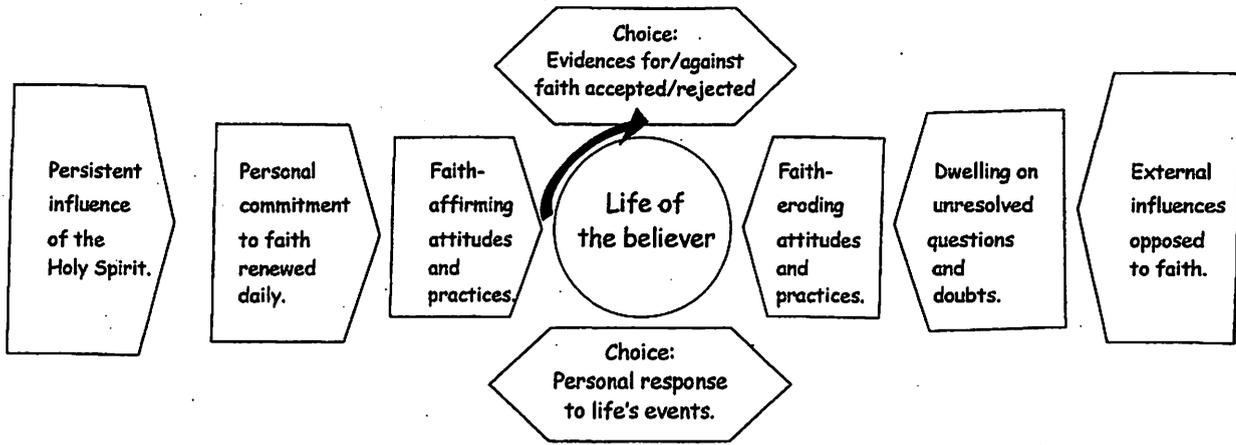
providência de Deus, não compreendemos plenamente porque tragédias humanas e desastres naturais ocorrem num universo do qual Ele é soberano. Como outros crentes antes de nós procuramos descobrir sentido neste e noutros mistérios. O melhor que podemos fazer com estas questões é suspender o julgamento, continuar a estudá-las orando, e buscar o conselho de crentes maduros. Algum dia obteremos uma nova intuição no mistério ou Deus nos esclarecerá estas contradições. Fé em Deus e reconhecimento de nossas próprias limitações requerem que aprendamos a viver com algumas incertezas e mistérios.

### Conclusão

Para ilustrar o tema principal deste artigo, podemos imaginar nossa mente como um Tribunal que funciona todos os dias em nossas vidas.[15] Nesse tribunal nossa Vontade individual é o juiz, enquanto que a Razão e a Fé são os advogados que apresentam evidência para ser considerada e testemunhas para apresentarem suas opiniões. A evidência e o testemunho que elas fornecem provêm de uma variedade de fontes, que incluem: a influência das pessoas que amamos e respeitamos, o sentimento de amar e ser amado, nossa interação social e diálogo com outros, observações do mundo natural, experiências espirituais na oração e serviço, leituras e pesquisas, as alegrias e tristezas da vida, culto individual e coletivo, nossa resposta à beleza nas artes, o efeito de nossos hábitos e estilo de vida, e a procura de consistência e autenticidade íntimas.

Nossa Vontade examina diariamente esta multiplicidade de percepções e dados emocionais, espirituais, racionais e estéticos, comparando-as com o Código--nossa cosmovisão.[16] Por vezes os argumentos apresentados serão aceitos e fortalecerão as convicções de nossa fé. Noutras ocasiões, a evidência apresentada provocará um ajuste em nossa cosmovisão e uma modificação de nossas crenças. Essas mudanças, por sua vez, terão um impacto em nossa conduta. Noutras ocasiões a Vontade prefere não decidir. Presente e fora de vista, o Espírito Santo está pronto para dizer uma palavra de cautela, correção ou afirmação. Outras vozes, talvez de observadores não convidados, são também ouvidas no tribunal, levantando objeções, apresentando evidência contrária e insinuando dúvidas. O Tribunal de nossa Vontade continua a deliberar até o último dia de nossa vida consciente.

Esta interação permanente entre fé, razão, e escolha na vida do crente pode ser ilustrada como segue:



Como cristãos ponderados, somos convidados a amar a Deus tanto com a mente como com nossa vontade, integrando em nossa vida os reclamos da fé e do intelecto. Para o crente ilustrado não há “incompatibilidade entre uma fé vital e uma erudição profunda, disciplinada, ampla, entre piedade e reflexão séria, entre a vida da fé e a vida da mente”. [17] A fim de nutrir estas três facetas de nossas habilidades concedidas por Deus--fé, intelecto e vontade--precisamos aprofundar diariamente nossa amizade com Deus e nossa devoção à verdade. Ele confia que, em vista da evidência de que dispomos, seremos capazes de decisões inteligentes.

Como educadores cristãos somos encorajados não somente a exemplificar tais qualidades em nossa relação com os estudantes, mas também ajudá-los a crescer em conhecimento e confiança em Deus à medida que eles amadurecem para sabedoria. Frequentemente encontramos estudantes que são profundamente devotados às suas convicções religiosas mas temem submetê-las a um exame crítico. Também encontramos estudantes cépticos ou mesmo agnósticos que consideram a religião indigna de consideração séria. Nosso dever como educadores e conselheiros cristãos, então, é de encorajar os crentes a pensar e os pensadores a crer. [18]

## Notas e referências

1. Ellen G. White, *Educação* (Mountainview, Calif.: Pacific Press, 1952), pág.17.
2. White, *Ibid*.
3. No mesmo livro, Ellen G. White a define incisivamente: “Fé é confiar em Deus, crer que Ele nos ama e sabe o que é melhor para o nosso bem” (pág. 253).
4. “Tu crês que há um Deus; fazes bem: também os demônios o crêem e

estremecem”. (Tiago 2:19).

5. Ver Hugo A. Meynell, “Fé e Razão” na *The Encyclopedia of Modern Christian Thought*, editada por Alister E. McGrath (Oxford: Blackwell, 1993), págs. 214-219. Em sua encíclica “Fides et Ratio” (18 de setembro de 1998), o Papa John Paulo II propõe uma abordagem elaborada católica romana para fé e razão.

6. Tem havido apenas dois proponentes cristãos do racionalismo--Anselmo (1033-1109) e Hegel (1770-1831). Eles criam, de modo geral, que aquilo que conhecemos pela fé pode também ser compreendido ou descoberto pela razão. Anselmo, o fundador do Escolasticismo e originador do argumento ontológico para a existência de Deus, procurou provar mesmo as doutrinas da Trindade e da Encarnação por argumentos filosóficos. A abordagem racionalista de Hegel da religião foi levada às suas últimas conseqüências por um de seus discípulos, Ludwig Feuerbach, que argumentou em *The Essence of Christianity* (1841) que a religião é mera projeção dos anelos e ideais da humanidade.

7. Stephen Jay Gould, afamado autor e professor da história da ciência na Harvard University, declara que “o conflito entre ciência e religião somente existe na mente das pessoas, e não no uso lógico e apropriado desses temas inteiramente diferentes e igualmente vitais”. Em sua opinião, “a ciência procura documentar o caráter factual do mundo natural, e a desenvolver teorias que coordenam e explicam estes fatos. A religião, de outro lado, opera num domínio igualmente importante, mas totalmente diferente, o reino dos propósitos, significados e valores humanos” (citado em Houston Smith, *Why Religion Matters* [Harper, San Francisco, 2001], págs. 70, 71).

8. Há séculos, Tomás de Aquino (1225-1274) propôs um fundamento racional para a fé cristã e seus ensinamentos num tratado monumental de filosofia e teologia, a *Summa Theologica*. Aquino pretendia, por exemplo, que a existência de Deus e a imortalidade da alma podiam ser demonstradas apenas na base de princípios racionais, enquanto doutrinas tais como a Trindade e da Encarnação tinham de ser aceitas na base de revelação e autoridade divinas. Com sua dependência da autoridade dos autores cristãos primitivos e de Aristóteles e seus comentadores, Aquino representa a culminação do escolasticismo medieval. Os cristãos da tradição protestante objetam à confiança excessiva em argumentação filosófica e racionalidade humana, e propõem em vez disto a primazia das Escrituras (*Sola Scriptura*) como fundamento da crença e prática cristãs.

9. O apóstolo Paulo tinha apresentado aquele argumento: “(Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei; os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, a os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os.)” (Romanos 2:14, 15).

10. Ver Peter Kreeft and Ronald K. Tacelli, *Handbook of Christian Apologetics* (Downer’s Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 1994), págs. 29-44.

11. Martinho Lutero distinguia entre os usos ministerial e magisterial da razão. Em seu papel ministerial a razão submete-se ao evangelho e o serve, ajudando os cristãos a melhor compreender e explicar sua fé. Em seu papel magisterial, a razão está acima do evangelho e pretende julgá-lo na base de argumento e evidência.

12. “Deus nunca nos pede que creiamos... (Ellen G. White,

13. Adaptado de Jay Kesler, “A Survival Kit”, *College and University Dialogue* 6:2 (1994), págs. 24, 25.

14. Thomas Kuhn, em seu livro *The Structure of Scientific Revolutions*, 2a edição (University of Chicago Press, 1970) mostrou como cientistas trabalham dentro de um paradigma mutuamente aceito que muda com o tempo. O *caveat* do apologista cristão C. S. Lewis deveria ser atendido: “A ciência está em mudança contínua, e precisamos manter-nos a par dela. Pela mesma razão, precisamos ser muito cautelosos quanto a nos apegar a uma teoria científica a qual, no momento, parece estar a nosso favor. Podemos mencionar tais coisas mas precisamos mencioná-las cautelosamente e sem pretender que são algo mais do que interessantes. Sentenças que começam ‘A ciência agora prova’ deviam ser evitadas. Se tentamos basear nossa defesa em alguma descoberta recente da ciência, veremos usualmente que no momento que pomos os toques finais em nosso argumento, a ciência já mudou seu pensamento e silenciosamente retirou a teoria que estávamos usando como nossa pedra fundamental” (“Christian Apologetics”, 1945).

15. Devo à Michael Pearson a estrutura básica desta ilustração, a qual aperfeiçoei aqui. Ver seu artigo, “Fé, Razão e Vulnerabilidade”, *College and University Dialogue* 1:1 (1989) págs. 11-13, 27.

16. Visãocósmica é uma visão global da vida e do mundo que toda pessoa possui. Cosmovisões respondem a quatro questões básicas: Quem sou eu? Onde estou eu? Que está errado? Qual é a solução? Ver Brian Walsh and Richard Middleton, *The Transforming Vision: Shaping a Christian Worldview* (Downers Grove, Illinois: Inter Varsity Press, 1984).

17. Arthur F. Holmes, *Building the Christian Academy* (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2001), pág. 5. Ver também William Lane Craig, *Reasonable Faith: Christian Truth and Apologetics*, edição revista (Wheaton, Illinois: Crossway Books, 1994).

18. Ver Richard Rice, “When Believers Think”, *College and University Dialogue* 4:3 (1992), págs. 8-11. Rice é o autor do livro *Reason and the Contours of Faith* (Riverside, Calif.: La Sierra University Press, 1991).

19. Anthony Flew and John Wisdom, “Theology and Falsification”, em John Hick ed. *The Existence of God* (New York : Collier Books, 1964), p.225.

## DISCUSSÃO

1. Fazer uma crítica construtiva da palestra, esboçando os pontos de acordo ou desacordo, provendo uma base racional para eles. Identificar áreas que deviam ser esclarecidas, apagadas, ampliadas ou fortalecidas no artigo. Qual das quatro relações possíveis entre fé e razão você favorece: Fideísmo, Racionalismo, Dualismo ou Sinergismo? Porque? De que modo é esta apresentação relevante ou não para a educação adventista?

2. Identificar alguns exemplos bíblicos de indivíduos os quais, em sua experiência da vida, ou (a) exibiram fé, (b) expressaram e venceram questões ou dúvidas, ou (c) escolheram descrença. Ver, por exemplo, Abraão (Gênesis 22:1-13), Davi (I Samuel 17: 4-51), os dois discípulos no caminho de Emaus (Lucas 24: 13-32), os discípulos aos quais Jesus apareceu (Lucas 24:36-45), Tomé (João 20:24-29). Sugerir e argumentar sobre outros exemplos bíblicos. Que fatores levam estes indivíduos a fazer tais escolhas? Estava sua razão envolvida? Que pode você aprender destas experiências e escolhas?

3. Muitos pais confiam seus filhos a educadores adventistas, esperando que sua experiência em nossas escolas os ajudarão a desenvolver as suas faculdades racionais e também crescimento na fé. Faça uma lista de atividades curriculares ou co-curriculares que contribuem para o desenvolvimento de uma fé madura em nossos estudantes. Esboce práticas em nossas instituições educacionais que resultam na erosão da fé dos estudantes em Deus e confiança na Bíblia.

4. Leia estas duas histórias semelhantes, adaptadas de uma palestra de Richard Rice, e então discuta como elas se relacionam com a fé e a razão na vida de uma cristão.

*Primeiro Cenário.* Depois de meses de treino em subir montanhas assistido por seu instrutor, você está fazendo sua primeira subida a sós do lado quasi vertical de uma montanha. Tudo parece estar indo bem e depois de horas de esforço exaustivo, você percebe que o cume está próximo. Inesperadamente, você se acha preso num trecho da subida, impossibilitado de subir, descer ou ir para os lados. Você se agarra à vida com ambas as mãos e pés, mas você sente sua força desvanecer-se. Subitamente você ouve alguém que você não pode ver chamando-o. Ele diz: “Largue-se! Há uma saliência sólida três pés abaixo de onde você está. Escorregue e você estará salvo!” Você nunca ouviu esta voz antes. Que faria você?

*Segundo Cenário.* Depois de meses de treino em subir montanhas assistido por seu instrutor, você está fazendo sua primeira subida a sós do lado quasi vertical de uma montanha. Tudo parece estar indo bem e depois horas de esforço exaustivo, você percebe que o cume está próximo. Inesperadamente, você se acha preso num trecho da subida, impossibilitado de subir, descer ou ir para os lados. Você se agarra à vida com ambas as mãos e pés, mas você sente sua força desvanecer-se. Subitamente você ouve alguém que

você não pode ver chamando-o. Ele diz: “Largue-se! Há uma saliência sólida três pés abaixo de onde você está. Escorregue e você estará salvo”! Você reconhece a voz de seu instrutor, um alpinista experimentado que você grandemente admira. Que faria você?

*Discussão.* Reage você de modo diferente nesses dois cenários? Porque, uma vez que as circunstâncias são praticamente idênticas? Que pode você fazer para aumentar sua habilidade de reconhecer a “voz” que nos impele a responder de modos diferentes nessas histórias? Como pode você ajudar nossos estudantes a fazer o mesmo?

### **Apêndice**

#### *Há Um Jardineiro?*

Uma vez, dois exploradores chegaram a uma clareira no jângal. Na clareira crescendo lado a lado havia muitas flores mas também algum mato. Um dos exploradores exclamou: “Algum jardineiro deve cuidar deste jardim”! Assim eles armaram suas tendas e iniciaram uma vigília.

Mas embora esperassem diversos dias nenhum jardineiro foi visto.

“Talvez seja um jardineiro invisível”! pensaram. Eles ergueram uma cerca de arame farpado e ligaram a eletricidade. Eles até patrulharam o jardim com cão de caça, porque se lembraram que “Homem Invisível” de H. G. Well podia ser cheirado ou tocado mas não podia ser visto. Mas nenhum som foi ouvido que sugerisse que alguém recebeu um choque elétrico. Nenhum movimento do arame jamais traiu um trepador invisível. Os cães de caça nunca os alertaram quanto à presença de qualquer outra pessoa. Contudo o crente entre eles ainda estava convencido de que havia com efeito um jardineiro.

“Deve haver um jardineiro, invisível, intangível, insensível a choques elétricos, um jardineiro sem cheiro e que não faz barulho algum, um jardineiro que vem secretamente cuidar do jardim que ele ama”.

Afinal o explorador céptico exclamou desesperado: “Mas que falta de sua afirmação inicial? Como é que aquilo que você chama um jardineiro invisível, intangível, eternamente elusivo difere de um jardineiro imaginário ou mesmo de nenhum jardineiro”?[19]

#### *O Jardineiro Invisível*

Uma vez, dois exploradores chegaram a uma clareira no jângal. Um homem ali estava arrancando o mato, aplicando fertilizante e podando os galhos. O homem voltou-se para os exploradores e apresentou-se como o jardineiro do rei. Um explorador cumprimentou-o e trocaram gracejos. O outro ignorou o jardineiro e foi-se embora.

“Não há jardineiro nesta parte do jângal”, disse ele. “Isso deve ser um truque. Alguém está tentando desacreditar nossas descobertas”.

Armaram as tendas. E cada dia o jardineiro chegava para cuidar do jardim. Logo estava desabrochando com flores perfeitamente arranjadas. Mas o explorador céptico insistia: “Ele somente o faz porque estamos aqui--para nos enganar de que este é um jardim do rei”.

Um dia o jardineiro os levou ao palácio real e apresentou os exploradores a vários oficiais que confirmaram o estatus do jardineiro. Então o céptico tentou um último recurso, “Nossos sentidos estão nos enganando. Não há jardineiro, nem flores, nem palácio e nem oficiais. É tudo um embuste”!

Finalmente o explorador crente perdeu a paciência, “Mas o que resta de sua asserção inicial? Em que afinal difere esta miragem de um jardineiro real?”[20]

*Discussão.* Reage você de modo diferente nesses dois cenários? Porque, uma vez que as circunstâncias são praticamente idênticas? Que pode você fazer para aumentar sua habilidade de reconhecer a “voz” que nos impele a responder de modos diferentes nessas histórias? Como pode você ajudar nossos estudantes a fazer o mesmo?